

Laura Amazonas: ações em defesa da educação feminina

Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas¹

Laura Amazonas: actions in defense of female education

208



Resumo

Este estudo tem como objetivo evidenciar a atuação de Dra. Laura Amazonas dentista sergipana na defesa da educação feminina e analisar sua participação nas ações da União Universitária Feminina, nas primeiras décadas do século XX. Laura Amazonas se dedicou a diversas atividades de filantropia e benemerência em Aracaju e exerceu sua profissão por muitas décadas atendendo a pacientes de diferentes classes sociais. Durante sua trajetória defendeu a necessidade da educação das meninas e jovens como um caminho para a emancipação das mulheres.

Palavras-chave: Educação Feminina; História das Mulheres; Sergipe.

Abstract

This study aims to show the work of Dr. Laura Amazonas, a dentist from Sergipe/BR, in defense of female education and analyze their participation in the actions of the Women's Union University, in the first decades of the twentieth century. Laura Amazonas devoted himself to various philanthropic and charitable activities in Aracaju/SE and practiced his profession for many decades serving patients from different social classes. During his career she defended the need for girls and youth education as a path to empowerment of women.

Keywords: Female Education; History of Women; Sergipe.

1 Doutora em Educação pela Unicamp, professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: anagbueno@uol.com.br

Minha aproximação com a Dra. Laura Amazonas se deu durante a minha pesquisa de doutorado², ela foi a pioneira a concluir um curso superior em Sergipe e exercer a profissão para a qual foi titulada, no campo da odontologia. Além disso, se envolveu desde jovem em ações de beneficência e filantropia como: a fundação do Asilo Rio Branco, e a Cruz Vermelha, conforme registros encontrados na imprensa sergipana.

Atuar no espaço público nas primeiras décadas do século XX era muito complexo. A maioria das sergipanas ainda estava acomodada aos papéis tradicionais de esposa e mãe, restritas ao ambiente doméstico. Subverter as fronteiras entre os limites do público e do privado causava suspeição, como indicou Perrot:

[...] existem muitos meios, diretos ou não, de ser uma mulher pública, com a condição de dar a essa expressão certa extensão. Ser reconhecida como tal revela-se mais difícil e sempre suspeito. Certos limites se deslocam mais do que outros. Certas zonas resistem mais do que outras. Ao longo dessas fronteiras móveis, as relações entre os homens e as mulheres modificam-se, como as figuras de um interminável balé (PERROT, 1998, p.11)³.

Laura Amazonas se diferenciou da maioria das mulheres do seu tempo, uma vez que possuía um diploma de curso superior, exerceu a profissão de dentista e envolveu-se com causas diversas como exemplo: a fundação do Diretório Sergipano da União Universitária Feminina e a difusão do Espiritismo, entre outras já citadas. Em seu “balé” ocupou espaços distintos na sociedade sergipana, enfrentando preconceitos, associando-se a grupos diversos e de certa forma exercendo um protagonismo em suas atividades.

A defesa da educação, foi uma de suas causas, o reconhecimento pelo seu engajamento aconteceu também em diferentes níveis. Nesse momento passo a destacar, de forma mais específica, a relação entre Laura Amazonas e movimento da União Universitária Feminina.

Em setembro de 1929, Laura juntamente com outras profissionais liberais, entre elas: a farmacêutica Cezartina Regis; a dentista Heloísa Santos, a advogada Maria Rita Soares de Andrade; fundaram o Diretório da União Universitária Feminina de Sergipe. A partir de 1930, este se integrou à

2 FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. *Educação, Trabalho e Ação política: sergipanas no início do século XX*. Campinas: Faculdade de Educação/ Universidade Estadual de Campinas, 2003. (Tese de Doutorado)

3 PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

Federação Brasileira pelo Progresso Feminino⁴ (FBPF) criada em 1922, por Bertha Lutz, com sede no Rio de Janeiro. Durante muitos anos, Maria Rita Soares de Andrade foi a representante de Sergipe nos eventos organizados pelas duas entidades feministas.

A União Universitária Feminina: intenções e realizações

Segundo Carmen Portinho (1999) a intenção ao criar a União Universitária Feminina (UFF) era contribuir com o aumento do número de jovens estudantes no ensino superior e de alguma favorecer o seu ingresso no mercado de trabalho. A estratégia inicial consistia na promoção de chás, entre as estudantes e recém-formadas, para favorecer a sociabilidade e sensibilizar para o engajamento conjunto em prol da realização acadêmica e profissional de cada uma delas:

Na União Universitária Feminina a estratégia consistia no seguinte: sempre que uma jovem passava nos exames para a Faculdade, fosse de engenharia, medicina, química, direito, farmácia, etc, lhe oferecíamos o “Chá das calouras”. Um modo inicial de atrair as estudantes. Quando se formavam, oferecíamos o “Chá da Vitória”. De modo que isso se tornou muito difundido entre as universitárias, a maioria delas das quais simpatizantes do nosso movimento⁵

A primeira diretoria foi composta por: Presidente – Carmen Portinho (engenheira); vice-presidentes – Heloisa Marinho (formada em Filosofia pela Universidade de Chicago) e Orminda Bastos (advogada); secretária – Natércia da Cunha Silveira (advogada); tesoureira – Amélia Sapienza (engenheira). Integrava a Comissão do Conselho: Bertha Lutz (botânica, presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino - FBPF), Joana Lopez (médica-cirurgiã), Mirthes de Campos (advogada, primeira mulher formada no Brasil em Direito), Erbina de Assis (médica, representante feminina na diretoria do Sindicato dos Médicos) e Emilia Snethlage (doutora em ciências e a maior autoridade no Brasil em ornitologia). Contava ainda com o apoio de outras mulheres diplomadas como Leda Boechat, Alcina Knoew Pinheiro, Déa Paranhos, Elsa Pinho, Silvia Vacanni, Nídia Moura, Ila Araripe Macedo, Maria Werneck⁶.

4 Sobre a União Universitária Feminina e sobre a Federação Brasileira para o Progresso Feminino e suas fundadoras, consultar: SOHIET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. In: *Revista Brasileira de Educação*. 500 anos, imagens e vozes da educação. n. 15. Rio de Janeiro: ANPED, Editora Autores Associados, set/out/nov/dez, 2000. pp.97-117. PORTINHO, Carmen. *Por toda minha vida*: depoimento a Geraldo Edson de Andrade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p.60; SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário Mulheres do Brasil*. De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

5 PORTINHO, Carmen. *Por toda minha vida*: depoimento a Geraldo Edson de Andrade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

6 PORTINHO, Carmen. *Por toda minha vida*: depoimento a Geraldo Edson de Andrade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.p.60.



Entre os objetivos da referida associação estavam o apoio às estudantes e a defesa dos direitos das recém-formadas nas profissões liberais colaborando para estimular o desenvolvimento da intelectualidade feminina brasileira (PORTINHO, 1999). Desde sua criação as reuniões mensais da União Universitária Feminina eram amplamente noticiadas pela imprensa carioca. Os jornais diários do Rio de Janeiro publicavam o convite para os encontros ressaltando os detalhes da pauta. Após a reunião eram publicadas as decisões tomadas e um resumo das discussões e/ou palestras.

Na reunião realizada em no final do mês de outubro de 1929, foi feito um balanço das atividades da UUF em outros Estados, destacando a fundação do Diretório em Sergipe:

Pela presidente foi comunicada a fundação de filial no Estado de Sergipe e a nomeação de representantes nos Estados de São Paulo, Minas e Bahia. O Directorio Sergipano presidido pela Dra. Maria Ritta Soares de Andrade, conhecida advogada, que já exerceu as funções de promotor público, foi fundada com solenidade na Biblioteca Pública do Estado, cedida pelo presidente daquela unidade federativa. Em Bello Horizonte, a dra. Elvira Komel está fundando o Directorio Mineiro, com a colaboração da Dra. Alzira Reis Vieira de Theophilo Ottoni. As sócias correspondes de São Paulo e Bahia são as dras. Sophia Weiland, formada em filosofia pela Universidade de Berlim e a Dra. Prager Góes, clínica conhecida na capital da Bahia⁷.

Neste mesmo evento Bertha Lutz proferiu uma palestra sobre o ensino secundário feminino. Mais uma vez foi possível perceber a associação de metas e estratégias construídas entre a FBPF e a UUF. Ao encerrar sua fala, ela encaminhou algumas sugestões que foram prontamente assumidas pelo grupo:

Assim sendo, a União Universitária Feminina, desejosa de tornar o ensino secundário feminino mais adaptado às necessidades da época terá que prexercer a sua actividade procurando modificar a opinião das educadoras e fazendo ver a Paes, educadores e educandas a necessidade de um ensino mais pratico, mais efficiente e mais remunerador. Como meios adequados para obeter esse desideratum apresento a consideração das minhas associadas as seguintes propostas:

a) que se faça um appello aos Paes de família, chamando a sua atenção para o tríptico problema da illustração do espírito, do papel da mulher no lar e no meio social moderno e de vantagem para

7 Reunião mensal da UUF em novembro de 1929, noticia a criação do Diretório de Sergipe da associação e discute o ensino secundário feminino *Jornal A Vanguarda*, Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1929. (Arquivo Nacional – FBPF. AP-46. Caixa 46. Pacote 02 – Recortes de jornais encadernados – 1929-1930).

todas as suas filhas de terem uma profissão susceptível de lhes fornecer meios adequados de prover a sua subsistência, collocando-se desse modo ao abrigo das surpresas que as condições cambiantes da nossa época pode proporcionar a todos nós;

b) que se faça um estudo comparativo das modalidades do ensino secundário feminino e do meio brasileiro e que se advogue junto as autoridades educacionais medidas que se aproximem do ideal, procurando obter a sympathia e collaboração das autoridades referidas na boa orientação do ensino secundário da mulher brasileira e futura esposa, mãe e cidadã ⁸.

As propostas da dra. Bertha Lutz foram aprovadas por unanimidade. Além destas, a Sra. Renée Rocque propôs que a UUF se dispusesse a atender aos pais “desejosos de obter sugestões ao encaminhamento de estudos de suas filhas e escolhas de profissões⁹”. Para atender a demanda ficou acertado que durante o mês de dezembro na sede da FBPF ficaria uma das sócias disponível para atender os pais, nas segundas e quintas feiras à tarde.

Era comum nas primeiras décadas do século XX que as jovens que tivessem acesso à instrução encerrassem a trajetória escolar no final do primário, ou ainda, em casos mais raros, no curso de magistério. Poucos pais concebiam uma carreira de profissional liberal para suas filhas. Em Sergipe, menos de quinze jovens concluíram o ensino superior até o início da década de 1940¹⁰. O ideal de formação da “moça prendada” ainda perdurava entre muitas famílias. Preparadas com um certo vocabulário em francês, tocavam piano e se dedicavam aos trabalhos manuais.

Ao propor perspectivas mais “ousadas” de formação, como o ingresso nas Faculdades e o encaminhamento às carreiras liberais, as feministas associadas à UUF e à FBPF procuravam dar bastante visibilidade às suas propostas na imprensa não só escrita, mas também através de conferên-

8 Reunião mensal da UUF em novembro de 1929, noticia a criação do Diretório de Sergipe da associação e discute o ensino secundário feminino Jornal A Vanguarda, Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1929. (Arquivo Nacional – FBPF. AP-46. Caixa 46. Pacote 02 – Recortes de jornais encadernados – 1929-1930).

9 Reunião mensal da UUF em novembro de 1929, noticia a criação do Diretório de Sergipe da associação e discute o ensino secundário feminino Jornal A Vanguarda, Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1929. (Arquivo Nacional – FBPF. AP-46. Caixa 46. Pacote 02 – Recortes de jornais encadernados – 1929-1930).

10 Cf. PINA, Maria Ligia Madureira. *A mulher na história*. Aracaju:s.n.t. 1994.

cias radiofônicas sobre o tema. O uso da “função educativa da imprensa”¹¹ era assumida pelas militantes de forma exaustiva. Suas reuniões, atividades, metas, estatutos, fotos das lideranças e até mesmo passeios eram intensamente divulgadas.

Maria Rita esteve no Rio de Janeiro, durante os meses de abril a julho de 1930, neste período participou das reuniões da UUF, tendo sua presença destacada pela imprensa assim como seus pronunciamentos. Em entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*, em abril, ela destacou aspectos da atuação do Diretório Sergipano da referida associação:

Encontra-se há dias no Rio a advogada sergipana Maria Rita Soares de Andrade. Espírito culto, a jovem advogada tem se imposto no foro de Aracaju pela suas competência. Sendo ella a leader do movimento feminista em Sergipe, o “*Jornal do Brasil*” procurou ouvir-a, afim de dar aos seus leitores uma ideia do que é o movimento feminista no pequeno Estado nortista. A Dra. Maria Rita recebeu-nos com amabilidade e assim fallou [...]:

- Que nos diz do movimento universitário feminino em Sergipe?

- Como sabe, Sergipe não possui escolas superiores. Não obstante isto há diversas sergipanas formadas. Possuímos titulares de todas as carreiras, excepto da engenharia. Hoje, já há, alli um trabalho conjunto das universitárias pela evolução social da mulher. Por iniciativa da Dra. Carmen Velasco Portinho este talento jovem que preside o movimento universitário feminino brasileiro, organizei, em setembro do anno p.p. um Diretório da “União Universitária Feminina” para reunir os esforços isolados das universitárias sergipanas e trabalharemos conjuntamente pela elevação moral, intellectual, civil, econômica e política do nosso sexo. Coube-me a presidência e são minhas companheiras as Dras.: Cezartina Regis, farmacêutica, chefe de numerosa família; **Laura Amazonas**, dentista, a melhor profissional do Estado; e Heloisa Santos também dentista que vêm se impondo entre os collegas. Além destas, que fazem parte do Diretório, contamos com o auxilio de todas as mulheres formadas que existem em grande numero, principalmente dentistas e farmaceuticas. Medica, Sergipe só possui uma, a Dra. Itala Silva de Oliveira, que já tem nome firmado na Bahia. Os cursos feitos pelas mulheres de Sergipe, nas escolas su-



11 Sobre a função educativa da imprensa como forma de veiculação de costumes e idéias, consultar entre outros: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. In: *Cadernos de Pesquisa*. n. 104. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, julho de 1998. pp. 144-161. FARIA FILHO, Luciano Mendes; SOUZA, Laurena Cristina Belo de. O jornal como fonte para a História da Educação: um estudo sobre os jornais mineiros do século XIX. In: *ANAIIS do II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

periores, são de modo a não desmerecer o nome da nossa mentalidade culta. [...] ¹² (grifos nossos)

As sergipanas, que conseguiam acesso ao ensino superior nas primeiras décadas do século XX, escolhiam as faculdades localizadas, prioritariamente, na Bahia, no Rio de Janeiro e em São Paulo. No final da década de 1940 e no início de 1950 são fundadas as primeiras faculdades em Aracaju. Poucas jovens conseguiam sair do Estado para estudar em outra cidade, apenas aquelas cujas famílias assumiam os custos de sua manutenção e estudos. No entanto, o jornalista insiste com a Dra. Maria Rita e questionou a:

- Que mais interessa às universitárias sergipanas?

- No momento, convencer aos dirigentes que nem só o elemento masculino tem direito aos favores do Estado para conseguir uma instrução superior. Porque Sergipe é um dos Estados que mais auxilia ao desenvolvimento intelectual de seus filhos; muitos homens de lá têm se formado e se estão formando, nas escolas superiores dos outros Estados com auxílio publico, alguns como funcionarios; os bacharéis, como promotores de comarcas do interior, acho muito louvável esta medida porque, em geral, a nossa gente é pobre e precisa do auxílio publico; mas, o que não se justifica, é que desse mesmo favor não goze a mulher que tem desejo de estudar e não dispõe de recursos; e, nenhuma mulher, ainda alli, gozou igual auxílio; nós nos temos formado na maioria, com sacrificios inestimáveis, sobrecarregadas pelo estudo e a luta pela vida; algumas há, de talento e capacidade, que se não formam por falta de recursos e o Estado não lhes favorece os meios, como faz, às vezes, a rapazes que não possuem os mesmos méritos. É o que precisamos conseguir de mais urgente. Depois, temos problemas vários que nos interessam e que serão cuidados e resolvidos oportunamente ¹³.

A denúncia realizada por Maria Rita se refere ao apoio financeiro oferecido aos jovens sergipanos para realizar seus estudos superiores fora de Sergipe, prática comum desde o século XIX, mas que não beneficiava de igual forma as jovens.

12 Jornal do Brasil, 25 de abril de 1930. O feminismo no Brasil - A advogada Maria Rita Soares de Andrade falla ao "Jornal do Brasil" do movimento feminista em Sergipe e das suas aspirações. (Arquivo Nacional - FBPF. AP-46. Caixa 46. Pacote 02 - Recortes de jornais encadernados - 1929-1930).

13 Jornal do Brasil, 25 de abril de 1930. O feminismo no Brasil - A advogada Maria Rita Soares de Andrade falla ao "Jornal do Brasil" do movimento feminista em Sergipe e das suas aspirações. (Arquivo Nacional - FBPF. AP-46. Caixa 46. Pacote 02 - Recortes de jornais encadernados - 1929-1930).



Ainda nesta entrevista, Maria Rita explicou outras estratégias da UUF e comentou que atuava juntamente com as feministas da Bahia. A advogada ressaltou o trabalho que haviam desenvolvido na imprensa sergipana e baiana divulgando os exames vestibulares e participando da assistência dos mesmos. A última questão da entrevista se referiu aos objetivos da UUF:

[...] Campanha na imprensa, nas reuniões sociaes, a diffusão de seus fins por tudo este immenso Brasil, a approximação de todas as mulheres formadas, a organização de directorios, a nomeação de representantes em diversas capitães, em diversas cidades de diferentes Estados. Além disto, o exemplo pessoal de todas nós, o exemplo da mulher que trabalha e sabe se conduzir na vida publica, tem concorrido para o augmento de alumnas nas faculdades superiores. Este anno a Assistência Universitária foi um facto aqui e na Bahia: a grande reportagem offerecida à imprensa sobre os exames vestibulares realizados aqui, foi trabalho da União Universitária Feminina que nomeou commissões para assistir a esses exames, nas differentes escolas: também o Directorio de Sergipe fez-se representar por mim nos exames realizados na Bahia: na Faculdade de Direito, onde entravam três senhoritas, uma dellas, a Gabriella Leal de Sá Pereira, nome distinguido na intellectualidade bahiana, foi quem alcançou melhores notas, pelas brilhantes provas feitas, dentre os 65 candidatos dos quaes doze foram reprovados.

- Quaes os fins da União Universitária Feminina?

- Despertar as vocações universitárias, incentivar-as, auxiliar-as, defender os interesses femininos nas profissões liberaes, pugnar pelo alevantamento moral da humanidade, instruindo-a e mais para os melhores e mais úteis designios. Como vê, são os mais nobres os nossos intuitos, e tão nobres intuitos merecem o apoio de todos os brasileiros¹⁴.

Mais uma vez é possível perceber uma certa “padronização” nos discursos das lideranças da UUF e da FBPF, o ingresso nas Academias e a titulação parecia indicar os primeiros passos em prol da emancipação feminina e o engajamento em outras lutas, como a conquista do voto e da elegibilidade. A UUF pretendia ampliar a escolaridade das mulheres sergipanas e possibilitar através de diversos tipos de mobilização o ingresso na vida profissional, preferencialmente a partir de concursos públicos.

Contrariando a posição de médicos higienistas, juristas e de alguns intelectuais que viam no trabalho feminino fora do lar a causa da desagre-

14 Jornal do Brasil, 25 de abril de 1930. O feminismo no Brasil - A advogada Maria Rita Soares de Andrade falla ao “Jornal do Brasil” do movimento feminista em Sergipe e das suas aspirações. Foi publicada uma entrevista (com foto) de Maria Rita com quase o mesmo teor desta no jornal “A Noite”, Rio de Janeiro, em 22 de abril de 1930. Título: A irradiação feminista em Sergipe. O que nos disse, num encontro de acaso, a doutora sergipana (Arquivo Nacional – FBPF. AP-46. Caixa 46. Pacote 02 – Recortes de jornais encadernados – 1929-1930).



gação da família e a decadência moral da mulher, desde o início da Primeira República, as feministas liberais pregavam os benefícios da profissionalização feminina. No entanto, como aponta Rago (1997), este discurso liberalizante considerava sobretudo “[...] as dificuldades que as mulheres de mais alta condição social enfrentavam para ingressarem no mundo do trabalho controlado pelos homens”. Para além da conquista do diploma de curso superior, elas “[...] tinham muitos obstáculos a superar para se firmarem profissionalmente” (1997, p.590)¹⁵.

Por isso defendiam, em periódicos, a educação feminina para atingir ao ideal da: “[...] mulher profissionalmente ativa e politicamente participante, comprometida com os problemas da pátria, que debatia questões nacionais. Certamente teria melhores condições de desenvolver seu lado materno” (RAGO, 1997, p.590)¹⁶. Este ideal era assumido por Maria Rita Soares de Andrade e outras profissionais liberais e divulgado em entrevistas, programas de rádio, revistas femininas do período.

As jovens sergipanas que trabalhavam nas indústrias têxteis e em outras indústrias, aquelas que atuavam no comércio, na prestação de serviços, nos trabalhos domésticos, que tinham a escolaridade restrita ao ensino primário, ou em casos raros, possuíam o diploma de normalista, bem como as que eram arrimo de família, aquelas que estavam na zona rural ou em pequenas cidades do interior do Estado não eram visibilizadas como público alvo das propostas veiculadas pela UFF, no tocante à educação feminina.

Em Sergipe, Laura Amazonas e as outras profissionais liberais, lideradas por Maria Rita chegaram a propor a criação de um Curso Prático Feminino, que tinha como objetivo “a regeneração das prostitutas e educação-preventiva das jovens pobres que necessitavam lutar pela sobrevivência” (Renovação, 1934, n.39, p.12). As disciplinas propostas para a formação destas jovens foram: Português, Francês, Inglês, Alemão, Aritmética, Geografia, Datilografia, Taquigrafia, Escrituração Mercantil, Educação Moral, Economia Doméstica e Arte Culinária”. (Renovação, 1934, n.39, p.12).

Pode-se perceber que, seja como profissional liberal, ou como “formação preventiva”, como expressaram as lideranças da UUF, a educação das jovens estava vinculada ao espaço privado, mesmo com a retórica da possibilidade de atuação no espaço público. Como ressaltou Sohiet

[...] aquele feminismo não questionou as implicações de se atribuir à mulher a responsabilidade total pelas atividades domésticas e pela socialização dos filhos. A conquista dos

15 RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 1997. pp. 578-606.

16 RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 1997. pp. 578-606.



novos direitos de participação na esfera pública não implicaram numa reformulação no âmbito das obrigações familiares entre os dois gêneros. Continuava-se, portanto, a considerar o espaço doméstico como inerente à mulher (1997, p. 116)¹⁷.

Considerações Finais

A atuação da UUF no tocante ao incentivo e mobilização das jovens estudantes ao ensino superior nas primeiras décadas do século XX, ainda precisa ser melhor investigada, principalmente no que diz respeito aos diversos Estados e Diretórios. No Rio de Janeiro, os documentos depositados no Arquivo Nacional no Fundo da FBPF indicam uma militância organizada, com discurso padronizado e interferências importantes. Neste estudo, procuramos salientar as aproximações entre as sergipanas diplomadas e os movimentos de associação feminina em prol da ampliação da escolarização das jovens.

Como lembrou Perrot (1998, p.11)¹⁸ ser reconhecida como mulher pública “revela-se mais difícil e sempre suspeito”. No caso de Laura Amazonas e das outras lideranças femininas citadas neste estudo, verificou-se que a tolerância com que foram tratadas em alguns momentos, assim como o preconceito e a suspeição de que foram vítimas se revelaram também na forma como são lembradas.



17 SOIHET, Rachel. Mulheres em busca de novos espaços e relações de gênero. In: *Acervo*, Revista do Arquivo Nacional. V.9, n.1-2 (jan./dez., 1996) Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997. pp. 99-124.

18 PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.